

Programação
dos eventos
abertos ao
público
Págs. 4 e 5

Programa
Espacial
Brasileiro
Pág. 2

Os desafios da
globalização
para as
ciências sociais
Pág. 3

Projeto Floram
realiza
encontro em
Santa Maria
Pág. 6

Capitalismo de
renda básica
Pág. 7

IEA colabora
com Academia
Brasileira de
Ciências em SP
Pág. 8

CONFERÊNCIAS DO MÊS

outubro

Comunicação na cidade europeia nos séculos 16 a 18 Peter Burke

O historiador inglês Peter Burke, da Universidade de Cambridge e atualmente professor visitante da Área de História Cultural, faz no dia 20 de outubro, às 9h30, a conferência "Informação e Comunicação na Cidade Europeia (1500-1800)". No IEA ele desenvolverá o projeto "Duas Crises da Consciência Histórica".

novembro

Um perfil da USP Maria Isaura Pereira de Queiroz

Professora emérita da FFLCH da USP, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, autora do livro "Movimentos Messiânicos", apresenta sua visão sobre

a história da USP no dia 30 de novembro, às 16h. Na ocasião, será lançado o nº 22 da revista *Estudos Avançados*, edição comemorativa dos 60 anos da Universidade.



Jorge Marinho/Agência USP

dezembro



Francisco Emolo/Agência USP

Cultura política e política cultural Marilena Chauí

Professora titular de filosofia na USP e ex-secretária da Cultura da Cidade de São Paulo, Marilena Chauí fará conferência sobre a questão cultural no dia 6 de dezem-

bro, às 9h. Chauí é autora de "Cultura e Democracia", "Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil" e "Da Realidade sem Mistérios aos Mistérios do Mundo".

C&T

As dificuldades do Programa Espacial

O programa brasileiro de desenvolvimento de vetores espaciais precisa ser reformulado e isso significa organizar o acervo humano e tecnológico atingido nos seus 27 anos de existência e definir o que fazer com tudo isso. O alerta é do engenheiro Jayme Boscov, assessor técnico do Centro Técnico Aeroespacial (CTA). "Os programas desse porte são muito caros e demorados - cada projeto leva de seis a oito anos - e exigem uma política coerente e estável. Desde 1986, porém, o programa brasileiro passa por uma situação de extrema dificuldade, reflexo dos problemas que o país atravessa", disse durante sua palestra, em agosto, organizada pela Área de Política Científica e Tecnológica do IEA.

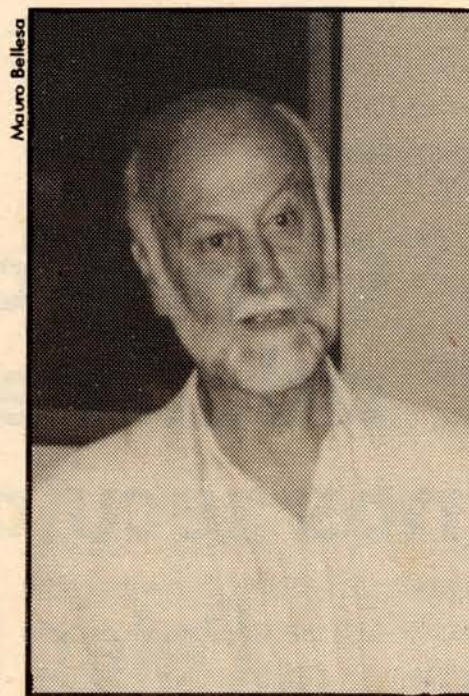
Além da falta de recursos, boa parte dos especialistas com alta qualificação já deixou o programa e há sete anos não acontece renovação de pessoal. A esse quadro somam-se as dificuldades enfrentadas por países como o Brasil no desenvolvimento de veículos espaciais devido ao argumento norte-americano de que tais projetos poderiam se transformar em mísseis militares. "O fato é que os países desenvolvidos não têm o menor interesse que países do Terceiro Mundo adquiram tecnologia de vetores espaciais. O desenvolvimento de satélites é muito importante para o país, mas só teremos independência total se tivermos os nossos próprios meios de

lançamento dos satélites."

Iniciado em 1967, esse programa de vetores espaciais pode ser dividido em quatro fases, que se sobrepõem em alguns momentos. A primeira vai até 1979 e envolve o desenvolvimento do Sonda II, um vetor de baixa precisão e sem controle de trajetória, com cerca de 70 vôos realizados. A segunda teve início em 1969, com o projeto do Sonda III, também sem controle de vôo e já com 25 lançamentos. Em 1976, teve início a terceira fase, na qual foi qualificado o Sonda IV, agora com sistema de controle; o primeiro dos quatro lançamentos feitos aconteceu em 1984. A quarta começou em 1980, data da oficialização da Missão Espacial Completa Brasileira e quando teve início o desenvolvimento do Veículo Lançador de Satélite (VLS), que terá um sistema de pilotagem bem mais complexo. Seu lançamento ficou para fins de 1995 ou início de 1996.

Segundo Boscov, um programa espacial é caracterizado pela multidisciplinaridade e pelo desenvolvimento de novas tecnologia, portanto, apresenta vários riscos: "Um exemplo disso é o Spacelab, construído por um consórcio de países europeus, inicialmente previsto para ficar pronto em 12 anos, mas que demorou 15 e consumiu muito mais recursos do que havia sido previsto".

O programa brasileiro "começou do zero em 1967, baseado na propulsão sólida, muito mais barata que a



Mauro Belleza

Para Jayme Boscov, não se pode desperdiçar o patrimônio humano e técnico-científico atingido nos últimos 27 anos

líquida". A cada fase, novas capacitações foram atingidas, desde a familiarização com as atividades espaciais e a formação de pessoal, até o desenvolvimento de aços de ultra-alta-resistência, elevação da temperatura de queima e da capacidade de carga de combustível sólido, início das pesquisas de combustível líquido, sofisticação dos sistemas de controle e até mesmo o fornecimento de sondas para os Estados Unidos e Alemanha.

"Todo esse trabalho teve uma lógica bem concatenada. Agora, é dada ênfase apenas ao VLS, mas não se pode esquecer que esse é apenas um projeto dentro do programa, o qual não pode ficar à mercê de uma política momentânea do governo ou qualquer outra", disse Boscov.

CADERNOS

Coleção Documentos

Esta é a relação dos textos publicados neste ano pela *Coleção Documentos*:

Série Assuntos Internacionais

Formulação da Política Exterior do Brasil: O Caso da Informática - *Tullo Vigevani*

Meio Ambiente e Relações Internacionais: A Questão dos Financiamentos - *Tullo Vigevani*

Série Cátedra Simón Bolívar

Registros e Imágenes de la Integración en El Cono Sur - *Hugo Achugar*

Série Ciências Ambientais

Conservação, Preservação e Desenvolvimento - Propostas Integradas - *Paulo Roberto Haddad*

Implicações Políticas e Sociais de Grandes Projetos Hidrelétricos Sobre as Populações Indígenas e Camponesas - *Lygia Sigaud*

Perspectivas de Vida Vistas pela População Regional da Floresta Tropical na Bacia do Alto Rio Negro - *Thomas Brose*

Megadiversidad Biologica en la Amazonia: como Inventariar-la Rapidamente? - *Geraldo Lamas*

Série Ciência Cognitiva

Modos de Pensar e Sistemas de Controle - um Ponto de Vista na História - *Jocelyn Freitas Bennaton*

Sistemas Cognitivos e Ciência Cognitiva - *Henrique S. Del Nero*

Teoria de Campo e Conexionismo - *Alfredo Portinari Maranca*

Série Educação para a Cidadania

Conhecimento Como Rede: A Metáfora Como Paradigma e Como Processo - *Nilson José Machado*

Autoritarismo Social X Democratização do Estado: Desafios à Educação vol. III - *vários autores*

O Cenário da Pós-Modernidade - *Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto*

Desemprego e Educação: Entre Medidas Tópicas e Perspectivas Utópicas - *Nilson José Machado*

Série Estudos Urbanos

Meio Ambiente - Custos e Limites de Urbanização - *vários autores*

Macrometrópole: Considerações Sobre Transportes e Planejamento Participativo - *vários autores*

Série Lógica e Teoria da Ciência

Annotated Logics Q_7 and Ultraproducts e Curry Algebras N_1 - *Jair Minoro Abe*

Série Política Científica e Tecnológica

Coping With the Ever Growing Body of Human Knowledge - *Eberhard Lämmert*

Modernização do Brasil: Dilemas e Perspectivas - *Paulo Marques*

A Fapesp e as Áreas de Engenharia - *Alberto Carvalho da Silva*

estudos AVANÇADOS

Ano VI, nº 37, outubro de 1994.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Conselho Deliberativo: Umberto Giuseppe Cordani (*diretor*), Alfredo Bosi, Edison Barbieri, Henrique Fleming, Walter Colli, Antônio Carlos Barbosa de Oliveira, Maria Victoria Benevides e Rodolfo Hoffmann.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Flávio Fava de Moraes
Vice-Reitora: Myriam Krasilchik

Jornalista Responsável: Mauro Belleza (MTb-SP 12.739). Endereço: Travessa J, 374, térreo, Cidade Universitária, 05508-900, São Paulo, SP. Telefones: (011) 818-3919 e 818-4442. Fax: (011) 211-9563. E-mail: iea@cat.cce.usp.br.
Fotolitos e Impressão: Coordenadoria de Comunicação Social da USP.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Os desafios da globalização

No caso das ciências sociais, o conhecimento científico está profundamente abalado pelo processo de globalização, pois é obcecado pela idéia de sociedade nacional presente nos seus objetos de estudo, isto é, partidos políticos, movimentos sociais, Estado/sociedade civil, cidadania, democracia, tirania, reforma, revolução, mercado, planejamento, moeda e política econômica. Essa é a opinião do sociólogo Octávio Ianni, da PUC-SP, autor de artigo sobre o tema publicado no nº 21 da revista *Estudos Avançados*.

No lançamento da edição, em agosto, Ianni fez uma exposição sobre seu artigo e participou de debate com Renato Ortiz (Unicamp), Virgílio Noya Pinto (ECA) e Jacob Gorender (IEA). Os quatro trataram de vários aspectos da globalização e de suas conseqüências para a reflexão dos intelectuais brasileiros. Diante do grande interesse despertado pelo evento, o debate terá continuidade no dia 17 de outubro, às 14h30, desta vez com maior participação do público.

Para Ianni, os cientistas sociais estão resistindo em pensar na sociedade global, apegando-se ao conceito de sociedade nacional como se ela fosse fundamental: "Ela é importante e continuará a existir, mas entrou em declínio. Agora é preciso definir nos dois casos - sociedade nacional e sociedade global - o que significam os termos historicidade, geografia, demografia, cultura, economia, política econômica e muitos outros. O instante agora é de uma realidade global, graças às telecomunicações, e não mais da realidade subjetiva dos indivíduos ou de alguns grupos".

Para ele, estamos vivendo uma conjuntura que pode ser caracterizada como uma ruptura histórica realmente



Octávio Ianni (centro) identifica a necessidade de redefinição de muitos conceitos ainda vinculados exclusivamente à idéia de sociedade nacional

profunda e generalizada. "Essa ruptura tem um primeiro momento identificado, até o agora, pelo colapso da ex-URSS e pela queda do Muro de Berlim, ou pelo ano de 1989. Todavia, nada garante que esse tenha sido o momento crucial, apesar de ser o mais visível. É possível que ele ainda esteja por acontecer."

Na opinião de Renato Ortiz, autor do livro "Mundialização e Cultura", a globalização pode ser pensada de duas maneiras: uma é quanto à internacionalização, onde as nações permanecem da mesma forma que estavam antes, sem nada de radicalmente novo; outra maneira é pensar numa megasociedade, uma totalidade que envolve todas as formações sociais - nações, etnias, tribos.

Outra diferença acontece a partir do ponto de vista que se pensa a sociedade global, segundo Ortiz. Esse enfoque pode ocorrer através das classes sociais, no plano nacional, ou a partir do próprio movimento de globalização da sociedade e, nesse caso, o olhar tem de ser desterritorializado. "Quando pensamos nessas transformações a partir do seu interior, temos de abstrair nossa condição de brasileiros e latino-

americanos, num esforço para enxergar os fenômenos."

Ortiz faz uma distinção entre os termos global e mundial. No caso da economia e da tecnologia "o correto é usar o termo globalização, mas no caso da cultura, o termo mais preciso é mundialização, pois se trata de uma concepção de mundo que deve co-habitar com outras concepções de mundo existentes, com outras culturas. Pensar na mundialização da cultura não é identificá-la com a homogeneização, mas perceber traços presentes em todos os lugares".

Já existe um imaginário internacional popular, presente no cinema, televisão, publicidade, revistas de quadrinhos, capas das revistas, cartazes e na música popular, segundo Ortiz. Os agentes dessa internacionalização do imaginário são a mídia e as transnacionais, da área de cultura ou de produção de bens de consumo, como a indústria alimentícia. Esse agentes possuem um papel de sociabilização que antes era de responsabilidade da escola."

Ortiz destaca que é preciso cunhar outros conceitos: mundialização, globalização, desterritorialização, imaginário internacional popular, memória coletiva internacional e socie-

dade civil mundial.

Para Virgílio Noya Pinto, é preferível falar em ritmos. Para ele, o termo mundialização está vinculado às atividades econômicas internacionais e possui o ritmo mais acelerado de todos os aspectos. Outro ritmo é o da cultura global, que no momento ainda é um movimento superficial e incipiente: "Esse processo é muito demorado e provavelmente não levará à homogeneização, apesar de aproximar cada vez mais o comportamento de população de todo o mundo. Ele depende muito dos meios de comunicação de massa, que projetam internacionalmente as expressões oral, escrita, visual e gestual". O terceiro ritmo para Noya Pinto é o da sociedade global. Ele não acredita que esse ritmo promova a equalização das sociedades: "Continuarão a existir diferenças sociais dentro das regiões e entre elas, em paralelo à homogeneização das classes médias".

Jacob Gorender compara o clima que o mundo atravessa com aquele da época da Segunda Guerra e do imediato pós-guerra. "É a sensação de que o que era estável está se movendo, está sendo alterado. Isso decorre da observação de que o mapa mundial sofreu grandes alterações. Entretanto, o balanço dessa primeira fase é de que houve uma exacerbação das desigualdades dentro das nações e entre elas." Para ele, o fato de a sociedade nacional ter de se adaptar a uma nova realidade não significa o início de seu declínio.

Algumas indagações de Gorender deverão ser discutidas na continuidade do debate: O que é global é avançado e o que é nacional é arcaico, ou isso depende do ponto de vista? Diante das desigualdades da sociedade brasileira, é possível imaginar a superação da meta de tornar o país uma nação?

PROGRAMAÇÃO IEA OUT-DEZ/94

DIA	HORA	TEMA	CONFERENCISTA/COORDENADOR	ORGANIZAÇÃO
06/10	9h30	A QUESTÃO DA CULTURA NA IGREJA CATÓLICA HOJE	Paula Montero (FFLCH)	História Cultural
11/10	14h	FÍSICA TEÓRICA Local: Instituto de Física da USP	Yogiro Hama (Academia Brasileira de Ciências), coord.	Academia Brasileira de Ciências/IEA
14/10	9h30	A QUESTÃO FEDERALISTA NO BRASIL	Maria do Carmo Campello de Souza (PUC-SP)	Teoria Política
17/10	10h	RELEVANT LOGICS AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE	Richard Sylvan (Australian National University)	Lógica e Teoria da Ciência
17/10	14h30	AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A GLOBALIZAÇÃO	Octávio Ianni (Unicamp), Renato Ortiz (Unicamp), Virgílio Noya Pinto (ECA) e Jacob Gorender (IEA)	Revista <i>Estudos Avançados</i>
17 a 19/10	8h30 às 17h30	INSERTION OF THE ECONOMIES IN GLOBAL CONTEXT (Polish-Brazilian Joint Seminar "Economic Transformation") Local: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP	Joe Yoshino (Fipe), coord.	Feac/CEPSt/Assuntos Internacionais
19/10	9h	O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS NA RÚSSIA	Kiva Maidanek (Academia Russa de Ciências)	CEPSt/Assuntos Internacionais
20/10	9h30	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CIDADE EUROPEIA (1500-1800)	Peter Burke (IEA)	Conferência do Mês
21/10	9h30	A NATUREZA DA POLÍTICA EM SHAKESPEARE E MAQUIAVEL	Miguel Chaia (PUC-SP)	Teoria Política
08/11	10h	MORTE DA MEMÓRIA, MEMÓRIA DA MORTE: A ESCRITA EM PLATÃO	Jeanne Marie Gagnebin (Unicamp/PUC-SP)	História Cultural
08/11	9h	FISIOLOGIA E FISIOPATOLOGIA Local: Faculdade de Medicina da USP	César Timo-Iaria (Academia Brasileira de Ciências), coord.	Academia Brasileira de Ciências/IEA
11/11	9h30	A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DA DEMOCRACIA: HEGEL E WEBER	Kurt von Mettenheim (Pittsburgh University, EUA)	Teoria Política
11/11	14h	SISTEMAS ORGANIZACIONAIS Local: Instituto de Química da Unicamp	Fernando Galembeck (Academia Brasileira de Ciências), coord.	Academia Brasileira de Ciências/IEA
17/11	10h	REFLEXÕES DE PAULO NOGUEIRA BATISTA: UMA HOMENAGEM	Jacques Marcovitch (Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP), coord.; Celso Amorim (Ministério das Relações Exteriores); e José Augusto Guilhon de Albuquerque (Núcleo de Política Internacional e Comparada)	Assuntos Internacionais
17/11	15h	OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO MÉDICO NO BRASIL	Carlos da Silva Lacaz (Academia Nacional de Medicina)	Núcleo de Pesquisas Brasil-França
18/11	9h30	HISTORY AS ALLEGORY	Peter Burke (IEA)	História Cultural
21/11	9h	ESTADO E SOCIEDADE: O MODELO EUROPEU AINDA TEM FUTURO?	Mathias Greffrath (Wochenpost-Berlin, Alemanha)	Assuntos Internacionais
22/11	9h	ASPECTOS SOCIAIS DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA	Jacques Chonchol (Chile)	Cátedra Simón Bolívar
24/11	9h	A SELECTION HYPOTHESIS ON THE ORIGIN OF THE AIDS VIRUSES	Mirko Grmek (Sorbonne, França)	Política Científica e Tecnológica
25/11	14h	LE CONCEPT DE PATHOCÉNOSE ET SON APPLICATION DANS LA RECHERCHE HISTORIQUE (DE LA PRÉ-HISTOIRE AU SIDA)	Mirko Grmek (Sorbonne, França)	Núcleo de Pesquisa Brasil-França/Política Científica e Tecnológica
30/11	16h	UM PERFIL DA USP Local: Centro Universitário Maria Antonia da USP	Maria Isaura Pereira de Queiroz (FFLCH)	Conferência do Mês
02/12	9h	POBREZA, FOME E DESNUTRIÇÃO NO BRASIL	Rodolfo Hoffmann (IEA), coord.	Segurança Alimentar
06/12	9h	CULTURA POLÍTICA E POLÍTICA CULTURAL	Marilena Chauí (FFLCH)	Conferência do Mês
06/12	9h	TÓPICOS DE GEOLOGIA SEDIMENTAR Local: Instituto de Geociências da USP	Antônio Carlos Rocha Campos (Academia Brasileira de Ciências), coord.	Academia Brasileira de Ciências/IEA
09/12	9h30	A IMPROBABILIDADE DA DEMOCRACIA NO MUNDO PÓS-MODERNO	Carlos Estevam Martins (FFLCH)	Teoria Política
13/12	9h	PREPARAÇÃO DAS COMUNIDADES PAULISTAS EM RELAÇÃO A DESASTRES NATURAIS	Agostinho Ogura (IPT), coord.	Ciências Ambientais
16/12	9h30	FLORESTAN FERNANDES E A SOCIOLOGIA NO BRASIL: ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES	Miriam Limoeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Teoria Política

LOCAL: Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, Travessa J, 374, térreo, Cidade Universitária, São Paulo, SP. As exceções constam da tabela INFORMAÇÕES: telefones (011) 818-3919 e 818-4442; fax (011) 211-9563; E-mail iea@cat.cce.usp.br. Todos os eventos são abertos ao público.

AMBIENTE

Floram realiza encontro no RS

No quarto ano de desenvolvimento do Projeto Floram, seu comitê executivo organizou, de 15 a 17 de setembro, um seminário nacional no Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul. Além do IEA e da UFSM, também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) colaborou na organização do encontro.

A finalidade do seminário foi avaliar o andamento do projeto, realizar uma revisão crítica de alguns de seus aspectos e estudar projetos-piloto com objetivos e metodologia próximos das metas e procedimentos preconizados pelo Floram. Também serviu como fórum de debate sobre os problemas ambientais e florestais do Rio Grande do Sul, sobretudo no que se refere às causas do processo de desertificação em áreas do sudoeste do Estado e às formas de recuperá-las.

Participaram como expositores especialistas das USP, UFSM, UFRGS, Universidade Federal de Viçosa, Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Associação Gaúcha de Empresas Florestais, Aracruz Celulose S/A, Riocell S/A, Indústrias Klabin de Papel e Celulose S/A. O seminário foi assistido por mais de duzentas pessoas, entre professores, alunos e representantes de empresas da área florestal e consumidoras de madeira.

A primeira sessão de trabalho foi "Experiências Desenvolvidas Sobre a Problemática da Implantação de Projetos Piloto". Nela, os representantes da Riocell fizeram uma exposição sobre o Programa de Extensão e Fomento Florestal e sobre o projeto-piloto para a recuperação das áreas desertificadas do sudoeste do Estado, desenvolvido no Deserto de São João, próximo a Alegrete. O Programa de Extensão e Fomento foi iniciado em 1989, junto com a Empresa Brasileira de Extensão Rural (Emater) e a Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, contando com a participação de prefeituras e produtores rurais. O programa procura atender objetivos sociais - fixação do agricultor no campo -, ambientais - reintrodução de espécies nativas - e econômicos - propiciar aos produtores uma renda adicional. A Emater cabe o treinamento dos agricultores. As prefeituras fazem o

transporte de mudas - eucalipto, basicamente -, fornecidas pela Riocell, que também dá assistência técnica. Em troca, os produtores entregam 10% da madeira produzida à empresa. O programa já distribuiu 15 milhões de mudas para 6 mil produtores em 116 municípios do Rio Grande do Sul, totalizando 6 mil hectares.

O projeto-piloto da Riocell no Deserto de São João, visitado no terceiro dia do encontro, tem 186 hectares, dos quais 102 foram recuperados. A técnica utilizada é o plantio de árvores em torno das áreas degradadas para a contenção do vento. Com o tempo o capim da região retorna e torna-se possível o preenchimento dos espaços vazios com mais árvores.

Projetos desse tipo são de importância fundamental para o Rio Grande do Sul, uma vez que o Sudoeste do Estado possui uma área de 1,2 milhão de hectares de terreno formado por arenito e potencialmente sujeito à desertificação. Há polêmica sobre a gênese dos chamados "areais", que na verdade é natural - toda a região foi um deserto saárico há 120 milhões de anos, segundo Aziz Ab'Sáber -, mas vem sendo acelerada e modificada pela ação do homem.

O representante da Aracruz apresentou os Programas de Extensão e Fomento Florestal criados pela empresa no Espírito Santo e Minas Gerais. Jorge Farias, da Afubra, explicou o apoio que a entidade tem dado aos fumicultores do Sul, através da doação de mudas, para que eles se tornem auto-suficientes na produção de lenha para as estufas de secagem de fumo.

As outras sessões de trabalho foram: "Potencialidades da Madeira Plantada", com os professores Leopold Rodés, da Klabin, e José Otávio Brito, da Esalq; "Estratégias Para a Preservação das Biodiversidades Regionais no Brasil", com Aziz Ab'Sáber, do IEA e presidente da SBPC, Nairan F. Barros, da UFV, e Paulo Renato Schneider, da UFSM; e "Revisão do Floram Amazônia: Reservas Extrativistas, Agricultura Itinerante, o Projeto Reça e o Novo Jari", com Ab'Sáber e Marcelo Leite, jornalista científico da "Folha de S. Paulo".

Também tiveram participação destacada Dirce Maria Suertegaray, da UFRGS, João José P. Souto e Margô G. Antônio, ambos da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, e Luiz Barrichelo, da Esalq.

PESQUISA

Três novos professores visitantes

Além do historiador Peter Burke, foram escolhidos no processo de seleção de professores visitantes realizado pelo Instituto o historiador Jacob Gorender e a antropóloga Betty Mindlin. A socióloga Miriam Limoeiro, por sua vez, foi admitida como colaboradora plena.

O tema do projeto de pesquisa de Jacob Gorender é "Os Processos da Revolução Tecnológica e da Globalização". O objetivo do trabalho é a análise da política de comércio exterior brasileira, investimentos estrangeiros e o posicionamento do país em relação aos blocos econômicos e regiões de importância geopolítica. Ele é autor dos livros "O Escravismo Colonial" e "Combate nas Trevas", entre outros.

Betty Mindlin desenvolverá o projeto "Literatura Indígena, Pajés e Narradores: Exemplos Brasileiros Para Uma Documentação Cultural e Para Uma Educação Diferenciada". Ela é doutora em antropologia pela PUC-SP e fundadora do Iamá - Instituto de Antropologia e Meio Ambiente, onde coordena e orienta projetos. É autora de "Tuparis e Tarupás" e "Estórias sem Escrita" (no prelo), além de inúmeros artigos especializados.

"Para uma História da Sociologia no Brasil" é o título da pesquisa de Miriam Limoeiro. Inicialmente ela focalizará a obra de Florestan Fernandes. Entretanto, o objetivo central do projeto é estudar a sociologia como ciência no Brasil. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-professora visitante da Universidade Autônoma do México, Limoeiro é autora de "Ideologia do Desenvolvimento - Brasil: JK-JQ" e "La Construcción de Conocimientos, Cuestiones de Teoría y Método", este publicado no México.

Uma Janela Para o Mundo

Todos os sábados, às 15h, na USP FM (93,7). Um programa produzido pelo IEA.

POLÍTICA SOCIAL

Capitalismo de renda básica

O *welfare state* europeu, criado depois da Segunda Guerra com base no seguro e na assistência sociais, deve ser aperfeiçoado através da concessão de uma renda básica a todos os cidadãos, que não precisariam atender a nenhuma condição, nem mesmo ter de trabalhar. A tese é do economista Philippe Van Parijs, da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, considerado um dos principais teóricos do chamado "capitalismo de renda básica".

No final de julho, Van Parijs apresentou os fundamentos de sua proposta em seminário organizado pela Área de Assuntos Internacionais. O debate teve a participação do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) - autor de projeto de lei que institui benefício similar em vários aspectos - e dos professores Luiz Carlos Bresser Pereira, da Fundação Getúlio Vargas, e Paul Singer, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac) da USP.

Segundo o economista belga, o que vigora atualmente em muitos países, sob diversas formas, é a renda mínima, que complementa, até um limite estabelecido, os recursos necessários à sobrevivência dos mais pobres. "Entretanto, o benefício acaba por estimular o desemprego, pois a diferença concedida muitas vezes é bem maior do que a renda do indivíduo, que acaba optando por sobreviver apenas com ela e desiste de trabalhar. Além disso, estimula a desagregação de famílias, pois o valor concedido depende da situação familiar do beneficiário."

Por ser concedida a todos, independentemente da situação familiar ou de outros recursos auferidos, a renda básica proposta por Van Parijs não possui os efeitos negativos da renda mínima: "Quem trabalhar terá sempre uma renda líquida superior àquela que teria se não trabalhasse, eliminando-se assim a 'armadilha do desemprego', gerada pelos sistemas de complementação de renda até um limite determinado pelo governo".

Mesmo apoiando o projeto de Suplicy - que institui o Programa Nacional de Renda Mínima (PNRM), um sistema de imposto de renda negativo similar ao existente nos Estados Unidos -, Bresser Pereira disse que após as explicações de Van Parijs sente-se inclinado a defender o conceito de renda básica, pela simplicidade da idéia, que a torna mais aceitável pela população, e pelo menor custo de administração do sistema.

Para Singer, as questões técnicas que envolvem a criação de um benefício desse tipo no Brasil são importantes, mas os aspectos filosóficos e

éticos também merecem maior análise. "Já existem no país benefícios que poderiam ser considerados como concessão de renda básica 'in natura', caso do ensino público e da assistência médica estatal; todavia, esses serviços tendem a ser discriminatórios, pois sua qualidade é inferior aos serviços prestados pelas instituições privadas de educação e saúde." Se essa renda básica 'in natura' fosse substituída por um sistema

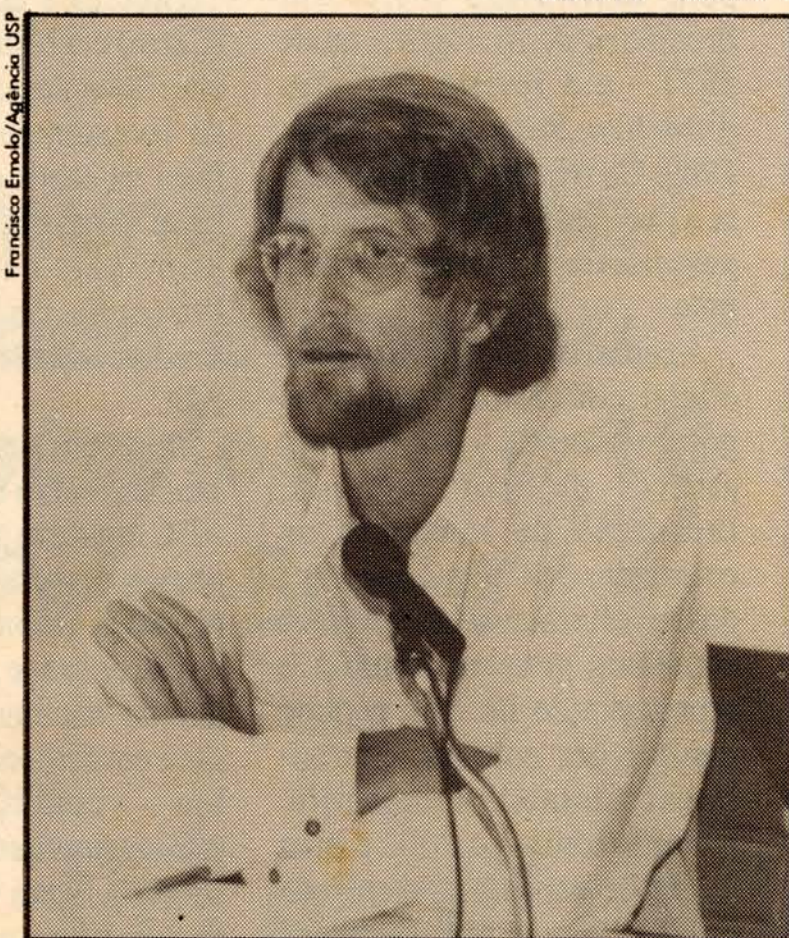
monetário - vales, por exemplo - a população teria mais autonomia, na opinião de Singer, para escolher escolas e hospitais que prestassem melhor serviço e haveria mais igualdade social.

O projeto de Suplicy, ao contrário da renda básica idealizada pelo economista belga, é condicionado por vários fatores, como vínculo empregatício e idade. Suplicy considera que a concessão de uma renda básica incondicional, como a idealizada por Van Parijs, apesar de ser a proposta ideal a longo prazo, é inviável perante a necessidade de diminuição da disparidade na concentração de renda no Brasil.

Já aprovado no Senado e atualmente em tramitação na Câmara dos Deputados, o projeto prevê que todo brasileiro com mais de 25 anos e salário inferior a R\$ 150,00 tenha direito a receber do Estado uma complementação entre 30 e 40% da diferença entre o seu salário e R\$ 150,00. A implantação total do programa se daria em oito anos, atingindo em 1995 os cidadãos com mais de 65 anos, idade que seria baixada gradualmente até 2002, quando o programa passaria a beneficiar os maiores de 25 anos.

De acordo com o projeto, uma pessoa com renda zero receberia R\$ 75,00 - 50% da renda mínima - e quem ganha um salário mínimo - R\$ 70,00 - teria direito a mais R\$ 24,00, correspondentes a 30% da diferença entre o salário mínimo e os R\$ 150,00 fixados na proposta. Portanto, a renda total de cada beneficiário será maior se ele estiver trabalhando. Para dificultar que a concessão do benefício estimule a desvinculação do mercado formal de trabalho, o beneficiário teria de estar inscrito na Previdência Social e dessa forma comprovar os seus rendimentos mensais.

Suplicy estima em 3 a 3,5% do PIB (Produto Interno Bruto) o custo anual do pagamento dessa renda mínima, o que equivaleria atualmente a US\$ 14 bilhões, valor próximo dos US\$ 12,5 bilhões arrecadados pelo governo através do Fundo Social de Emergência. O benefício seria pago por meio de crédito na fonte ou mecanismo similar à devolução do Imposto de Renda.



Francisco Emolo/Agência USP

Para Philippe Van Parijs, é possível assegurar uma renda suficiente para a subsistência de cada indivíduo sem que ele tenha de atender a nenhuma condição e sem estimular o desemprego

COOPERAÇÃO

Sessões da Academia Brasileira de Ciências em SP têm apoio do IEA

Desde março passado, o IEA tem colaborado com a Academia Brasileira de Ciências (ABC) na organização das sessões regulares da entidade em São Paulo (leia nas páginas 4 e 5 a programação para o trimestre outubro/dezembro).

Para o Instituto, essa colaboração se reveste de grande importância, uma vez que a ABC tem por objetivo principal contribuir para o desenvolvimento científico em escala nacional, preocupação presente nas diretrizes de atuação do IEA. Por serem temáticas, as sessões acontecem nas unidades da USP ou outras instituições ligadas à área científica abordada no evento, não sendo possível realizá-las no IEA, onde as atividades são de caráter interdisciplinar.

Desde sua fundação em 1916, a ABC tem atuado com destaque no apoio ao aprimoramento científico do país e na intensificação do intercâmbio de idéias entre cientistas brasileiros e estrangeiros. Os *Anais* da academia - quatro números por ano - são publicados desde

1928. Também são editadas pela instituição a *Revista Brasileira de Biologia* - desde 1971 - e a revista *Pesquisa Antártica Brasileira* - desde 1989. Os três títulos destinam-se à publicação de resultados de pesquisas originais em primeira mão.

Apesar de ter participação oficial em vários organismos governamentais - o que ocorre através de, por exemplo, indicação de membros de colegiados do CNPq e da Finep, desenvolvimento de projetos especiais governamentais e representação do país perante instituições como o International Council of Scientific Unions (Icsu) -, a ABC é uma entidade privada, subsidiada pela Finep e por recursos provenientes de convênios com diversas entidades.

Um dos vários programas dos quais a ABC participa é o International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP), patrocinado pelo Icsu. A comissão que coordena as atividades do programa no país está instalada na academia. Na área ambiental, a ABC participa,

junto com a Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec) e o Ministério da Ciência e Tecnologia, de um projeto de levantamento completo da flora da caatinga e do cerrado. Esse trabalho é um dos principais componentes do Programa de Estudos Sobre Biodiversidade e Ecologia da ABC.

Tanto em sua sede no Rio de Janeiro, como em São Paulo, a ABC organiza sessões regulares para a discussão de trabalhos originais. Além disso, organiza congressos e simpósios de âmbito nacional e internacional e conferências. O intercâmbio com instituições estrangeiras também se destaca, como a Japan Society for the Promotion of Science, a Academie des Sciences do Institut de France e a Royal Society do Reino Unido. Através desses convênios, cientistas brasileiros têm a possibilidade de realizar pesquisas nos países das entidades conveniadas e, em contrapartida, a ABC possibilita a vinda de pesquisadores estrangeiros ao Brasil.

A ABC está organizada em cinco seções: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências da Terra e Ciências Biológicas. Atualmente é presidida pelo professor Eduardo Moacyr Krieger (Instituto do Coração) e tem como vice-presidentes os professores José Israel Vargas (ex-presidente da entidade e atual ministro de Ciência e Tecnologia) e Carlos Eduardo da Rocha Miranda (UFRJ). Também integram a diretoria da ABC os cientistas Affonso Guidão Gomes (CBPF/CNPq), Johanna Döbereiner (Embrapa), Gilberto F. Sá (Universidade Federal de Pernambuco) e Umberto Giuseppe Cordani (diretor do IEA). Por ano, são eleitos para a academia cerca de 12 novos membros, entre titulares, associados e colaboradores.

Maiores informações sobre as atividades da ABC em São Paulo podem ser obtidas no IEA, com Vera Barbosa, telefone (011) 818-4440. A sede da ABC fica na Rua Anfilóbio de Carvalho, 29, 3º andar, 20030-60, Rio de Janeiro, RJ, telefone (021) 220-4794.

estudos AVANÇADOS

INFORMATIVO DO
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Ano VI - nº 37 - Outubro de 1994
Travessa J, 374, térreo, Cidade Universitária
05508-900 - São Paulo - SP

IMPRESSO